

HELENA: CARACTERÍSTICAS ROMÂNTICAS E REALISTAS

Orientanda: Eluane Nathane Maria de OLIVEIRA¹

Orientadora: Prof. MSc. Juliana Heloísa Moreno RUTIGLIANO²

RESUMO

Muitas têm sido as pesquisas que contribuíram para nossas letras sobre as obras de Machado de Assis; contudo, ao se escolher como *corpus* deste trabalho o romance *Helena*, penetra-se num viés da literatura machadiana, em que características românticas, apesar de predominantes, mesclam-se a traços realistas, tornando a narrativa machadiana da primeira fase distinta daquilo que se concebe como paradigma da estética. Assim, o objetivo deste trabalho não é esgotar o assunto, mas mostrar, a partir da análise de traços estéticos, como esse romance já prenuncia o Realismo machadiano.

PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis. Helena. Romantismo. Realismo.

Introdução

O Realismo/Naturalismo tem início no Brasil num momento bastante peculiar: o tráfico negreiro tinha sido extinto, a abolição era iminente, havia a crise de mão-de-obra, os imigrantes começavam a chegar, a decadência da economia açucareira era inexorável, o eixo do país deslocava-se para o sul, havia divergências do Segundo Império com a Igreja e com o Exército. Era um clima que favorecia o surgimento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas, alicerçadas pelo Positivismo e pelo Determinismo.

¹Graduando em Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré/SP-Brasil – 2018. Luh_nathane@hotmail.com

²Mestre em Literatura(UNESP).Docente. – FIRA - - Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18705-470 –Avaré/SP-Brasil – 2018. julianahmr@hotmail.com

A abolição da escravatura fez-se aos poucos: em 1871, foi aprovada a Lei do Ventre Livre, que declarava livres todas as crianças negras nascidas após a assinatura da lei; em 1885, a Lei do Sexagenário, que libertava todo escravo com 60 anos ou mais. Finalmente, em 1888, veio a Lei Áurea, que libertou todos os escravos irrestritamente.

Surge o imigrante assalariado para substituir o trabalho escravo, tornando o negro mais marginalizado, uma vez que não representava mais a força de trabalho.

Além disso, dá-se o envolvimento do Brasil na Guerra do Paraguai, provocando o declínio do Segundo Império (D. Pedro II) e o fortalecimento das ideias republicanas.

Não só o abolicionismo foi contemporâneo ao Realismo-Naturalismo: houve também o movimento republicano, que fundou o Partido Republicano em 1870, o qual desejava trocar o trabalho escravo pela mão-de-obra imigrante. As campanhas abolicionista e republicana que tomaram vulto a partir de 1870 foram uma das faces do movimento político que dominou o Brasil e toda a América Latina. (CAMPEDELLI, 1999, p. 182).

O Realismo no Brasil: algumas características

O Realismo brasileiro surge com a publicação da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, em 1881.

Os autores realistas preocupam-se com a realidade concreta, sem as idealizações românticas. Desse modo, pautam-se pelos seguintes preceitos:

1) O Realismo procura apresentar a verdade. Esse modo de tratar o material, essa verossimilhança na construção da trama, isto é, na organização criativa dos fatos selecionados, apontando numa direção, é essencial, e traduz-se, também, no uso moderado da emoção, que deve fugir ao sentimentalismo. “Essa qualidade ainda aparece na apresentação das partes: o Realismo não se submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem um ritmo irregular” (COUTINHO, 1959, p. 186).

2) O Realismo encara a vida objetivamente. Não há intromissão do autor, que deixa as personagens atuarem em busca de solução. “O autor não confunde seus sentimentos e pontos de vista com as emoções e motivos das personagens” (COUTINHO, 1959, p. 187).

3) Há a preocupação com o registro do momento presente para que os leitores se inteirem dos costumes, dos problemas e das mazelas do tempo em que vivem. “O passado, as origens, as raízes não são mais o foco de atenção do artista. Integrado à

sociedade em que vive, interessa-se pela realidade presente.” (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 385).

4) Para que se compreenda melhor os aspectos sociais, torna-se necessária a observação dos comportamentos pessoais, das motivações psicológicas que levam a determinadas atitudes ou reações. “Condição para compreender a sociedade era observar como se comportavam as pessoas e se havia alguma relação entre esse comportamento e problemas sociais” (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 386).

Machado de Assis

A literatura machadiana pode ser enxergada sob dois pontos de vista: romântico e realista, já que o escritor formou-se à luz do Romantismo e, com o tempo, evoluiu para a tendência realista. Há de se pontuar que esse romantismo machadiano não surge tão sentimentalista e maniqueísta, além de já apresentar traços da estética realista como a análise dos comportamentos e personagens movidas pelo interesse. Alguns autores denominam essa fase romântica como fase de aprendizagem.

Analisando os romances e os contos machadianos considerados românticos, vê-se que já apresentam a característica que haveria de marcar Machado de Assis: os acontecimentos são narrados sem precipitação, entremeados de explicações aos leitores por parte do narrador, cheios de considerações sobre os comportamentos. (CAMPEDELLI, 1999, p. 186).

Assim, podemos dividir sua produção em duas fases: a rotulada como romântica e a realista.

Na primeira fase, Machado escreve sob certa influência romântica, mas de maneira invulgar. Percebe-se já, em seu romantismo, a luz de seu gênio e a originalidade de seu estilo. Pertence a essa tendência o romance *Helena*, além de *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia* dentre outros.

O Machado de Assis dos primeiros tempos é um escritor romântico – de um romantismo menos derramado, é verdade, que o dos seus contemporâneos; de um romantismo mais elaborado. Os seus romances do começo da carreira são mais incisivos, havia neles um impulso de outra ordem, a paixão do concreto, do incidente vivo. (CAMPEDELLI, 1999, p. 24).

Na fase madura ou realista, encontramos seu talento cristalizado. As obras dessa fase, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* apresentam análise profunda da sociedade brasileira do seu tempo, além de estruturas narrativas não-lineares, permeadas pela ironia, marcadas pelas digressões e intervenções do narrador.

Apresenta uma apurada análise da sociedade brasileira no fim do Segundo Império.(...) As estruturas narrativas dessa fase fogem à linearidade, entremeando digressões temporais e intromissões do narrador e grande preocupação com a análise dos acontecimentos. (CAMPEDELLI, 1999, p. 186).

O escritor foi um gênio das letras no sentido mais estrito da palavra. Sua obra, tecida num estilo elegante, permeada da mais fina ironia, da mais aguda percepção da natureza humana e da vida, vem sendo cada vez mais traduzida e interpretada. Em todos os continentes, estudiosos se debruçam sobre ela, descobrindo-lhe mais e mais facetas.

Seu realismo destoa do de seus contemporâneos. A obra machadiana apresenta-se à frente do seu tempo, pois antecipa procedimentos narrativos que serão utilizados mais tarde por outros escritores.

O teatro de Machado de Assis não se destacou tanto devido a falas pesadas e longas. Como poeta, alcançou momentos de excelência. Mas é no conto e no romance que reside seu mais alto grau de competência literária (OLIVEIRA, 2000, p. 175).

Helena: um romance romântico com traços realistas

Escolheu-se o romance *Helena* como objeto deste artigo com o fito de ressaltar algumas características românticas e outras realistas que podem ser observadas mediante leitura atenta dessa narrativa, procurando evidenciar que, apesar das influências românticas, essa obra já contém traços realistas, típicos do jeito machadiano de contar.

A história se passa no Rio de Janeiro e inicia-se com a morte do Conselheiro Vale, homem muito rico, que, em testamento, dispõe que a jovem Helena é sua filha e herdeira de uma parte de sua fortuna, desejando que ela assuma seu lugar na casa. Todos acreditam nas últimas palavras deixadas pelo conselheiro, mas Helena, apesar de

muito jovem, sabe que não é realmente filha dele. O medo do desamparo e as insistências de seu verdadeiro pai a fazem aceitar essa situação.

D. Úrsula, irmã do conselheiro, no começo apresenta certo preconceito contra Helena, mas por conta do jeito meigo da jovem, acaba simpatizando com ela. Helena passa a ajudar na administração da casa, aliviando as tarefas de D. Úrsula. Com isso, ela consegue impressionar não só a família, como também os amigos que frequentam a casa.

Com o passar do tempo, Estácio, seu suposto meio-irmão, encanta-se, cada vez mais, por Helena e ela, por ele: de um lado, Estácio se martiriza por estar apaixonado por sua meia-irmã, o que constituía suposto incesto; do outro, Helena sofre por conhecer a verdade e não poder revelá-la. Sem saída e pressionada pelo interesseiro Dr. Camargo, que quer ver a filha Eugênia casada com Estácio, Helena incentiva Estácio a pedir a mão da moça em casamento.

Um certo dia, ao ver Helena saindo de uma casa nas cercanias da propriedade, Estácio, desconfiado de que ali viva um namorado de Helena, decide saber quem é o morador daquela habitação simples. Depara-se, então, com Salvador, que lhe conta ser o verdadeiro pai de Helena, abandonado pela mulher por ser pobre. Ângela, mãe de Helena, passara, então, a ser amante do Conselheiro Vale, que sempre demonstrou muita afeição por Helena, ainda menina. Com a morte de Ângela, o conselheiro matricula a menina num colégio interno frequentado por moças da elite, visitando-a sempre e fazendo-se passar por seu verdadeiro pai.

Com essa revelação, instala-se um impasse: apesar de Estácio e D. Úrsula, mesmo depois de saberem a verdade, acreditarem na nobreza de caráter de Helena, ela mesma não se perdoa por ter se sujeitado à mentira e persistido nela.

Características românticas do romance

1) Idealização da mulher: instrumento para a ascensão espiritual.

Helena tinha os predicados próprios a captar a confiança e a afeição da família. Era dócil, afável, inteligente.

(...). O que a tornava superior e lhe dava probabilidade de triunfo, era a arte de acomodar-se às circunstâncias do momento e a toda a casta de espíritos, arte preciosa, que faz hábeis os homens e estimáveis as mulheres.

(...)Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes.

(...). Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. (MACHADO DE ASSIS, 1996, pp. 24-25).

A estilização da personagem feminina é construída, sobretudo, com palavras de cunho apreciativo, tais como “dócil”, “afável”, “inteligente”, “superior”. Vê-se, ainda, a harmonização das qualidades da menina (“jovialidade de menina”) com o comportamento da mulher adulta (“compostura da mulher feita”). Além disso, as qualidades de Helena não se resumem às “virtudes domésticas” apenas; estendem-se aos atributos culturais como ser “pianista distinta” e falar “correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana”.

O traço romântico surge nítido com a construção de uma heroína idealizada, já que seus atributos são apreciativos:

A mulher é o instrumento de que se vale o romântico para a ascensão espiritual. Sua idealização é evidente. A mulher romântica não existe, paira; não respira, pulsa; não anda, flutua; tem a propriedade de irradiar luz pelos poros; é dotada de virtudes que fazem dela uma semideusa. (OLIVEIRA, 2000, p. 100).

Pelo desenvolver da narrativa, o leitor constata que o amor entre Estácio e Helena só é declarado através de um olhar demorado, já no desenlace da trama. Assim, percebe-se o sentimento platônico que os une.

A princípio foi esse olhar um simples encontro: mas, dentro de alguns instantes, era alguma coisa mais. Era a primeira revelação, tácita, mas consciente, do sentimento que os ligava. Nenhum deles procurara esse contato de suas almas, mas nenhum fugiu. O que eles disseram um ao outro, com os simples olhos, não se escreve no papel (...) confissão misteriosa e secreta, feita de um a outro coração, que só ao céu cabia ouvir, porque não eram vozes da terra, nem para a terra as diziam eles. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 140).

O amor sem conjunção carnal (o texto fala em “contato de suas almas” não em corpos), declarado apenas no leito de morte e, ainda, com a sugestão de eternidade, através da palavra “céu”, revela traços românticos do amor impossível nesta existência e

da heroína intocada e forte, já que se entrega à morte para redimir seu erro e livrar Estácio do julgamento injusto e mesquinho da sociedade.

Um dos aspectos marcantes dos romances românticos é a caracterização que se faz das heroínas como mulheres fortes, senhoras de seu destino. No âmago dessas personagens, pulsa um coração romântico, que orienta seu comportamento em nome dos ideais mais puros e nobres. (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 312).

2) Uso recorrente do sentimentalismo

Dr. Camargo, sabedor da verdadeira origem de Helena, acha que a moça poderá atrapalhar o sonho acalentado por ele, que é casar sua filha Eugênia com Estácio. Percebendo o perigo, em conversa particular com Helena, o médico revela que sabe que a moça não é filha do conselheiro. Deixa, nas entrelinhas, a ameaça de contar a verdade a todos se Helena não insistir para que Estácio peça Eugênia em casamento.

Helena, chantageada por Dr. Camargo, escreve um desabafo numa linguagem sentimental.

A carta era longa, escrita a golfadas, sem nexos nem ordem; continha muitas queixas e imprecisões, ternura expansiva de mistura com um desespero profundo; falava daqueles que, tendo nascido sob a influência de má estrela, só têm felicidades intermitentes e mutáveis; dizia que para ela a própria felicidade era germen de morte e dissolução, ideia que repetia três vezes. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 67).

Nota-se o modo como o texto é escrito “a golfadas, sem nexos nem ordem”, semelhante às cartas extremadas do personagem Werther de Goethe, onde há o predomínio da emotividade, do “desespero profundo”, da crença no misticismo, da sugestão da morte reiterada três vezes, o que caracteriza um sujeito em desarmonia com o mundo em que vive.

A extrema emotividade, o pessimismo, a melancolia, a valorização da morte, o desejo de evasão, são apenas algumas das muitas formas de o romântico revelar sua perplexidade ante um momento cujos valores se tornam inaceitáveis. O conflito do “eu” com o coletivo foi perfeitamente captado por Goethe, que fez parte do primeiro romantismo alemão, denominado *Sturm und Drang*. (CITELLI, 2007, p. 11).

3) A natureza como cúmplice dos sentimentos.

Na literatura romântica, percebe-se a natureza como cúmplice dos heróis, refletindo-lhes os sentimentos, partilhando suas dores.

A seguinte aurora alumiu um céu puro de nuvens. Estácio acordou com ela, depois de uma noite mal dormida. Nunca a manhã lhe pareceu mais rumorosa e jovial; nunca o ar apresentara tão fina transparência nem a folhagem tão lustrosa cor. Da janela a que se encostara, via as flores de todos os matizes, quebrando a monotonia da verdura, e enviando-lhe, a ele, uma nuvem invisível de aromas; aspecto de festa e ironia da natureza. Estácio achava-se ali como um saimento em horas de carnaval. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 120).

Percebe-se como a natureza quer contagiar a personagem, como se a “aurora” e o “céu puro de nuvens” quisessem desanuviar o espírito de Estácio. A manhã chega “rumorosa” e “jovial”: essa personificação indica a possível renovação do espírito do herói, a esperança de que seus pensamentos negativos sobre o caráter de Helena estivessem errados. Vê-se, ainda, a sinestesia pontificando o excerto: “fina transparência do ar”, “a folhagem tão lustrosa cor”, “as flores de todos os matizes” e “uma nuvem invisível de aromas”. A natureza revela “festa”, ânimo, em contraste com a tensão interior de Estácio. O emprego da expressão “ironia da natureza” condiz com “saimento em horas de carnaval”, já que a palavra “saimento” significa “funeral”, estabelecendo-se o contraste: a natureza amiga quer ajudar o herói a vencer o desânimo e a dúvida.

Segundo Bosi,

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela significa e revela. (...). O mundo natural encarna as pressões anímicas. Ecoam o tumulto do mar e a placidez do lago, o fragor da tempestade e o silêncio do ocaso, o ímpeto do vento e a fixidez do céu, o terror do abismo e a serenidade do monte. (1975, p. 102).

4) O Escapismo: evasão na morte.

Helena, desolada pela revelação do engodo que a fez aceitar viver junto a Estácio e D. Úrsula, debaixo do mesmo teto, como parenta, ao entregar ao padre Melchior uma carta, declara-se sem saída.

Não hesito, replicou Helena; em tais situações, uma criatura, como eu, caminha direito a um rochedo ou a um abismo; despedaça-se ou some-se. Não há escolha. Este papel, - continuou, tirando da algibeira uma carta, - este papel lhe dirá tudo; leia e refira tudo a Estácio e D. Úrsula. Não tenho ânimo de os encarar nesta ocasião. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 121).

A partir desse momento, não há saída honrosa para a heroína idealizada: apesar de ter sido feita a vontade do Conselheiro Vale e de Salvador para proteger a adolescente das maldades do mundo, ela se sente criminosa por ter se passado por irmã de Estácio durante meses. Há dois pares de palavras no excerto que prenunciam a entrega de Helena à morte: “rochedo” / “abismo” e “despedaça-se” / “some-se”.

Nos dias que se seguem, Helena, apesar da compreensão e do perdão da família de Estácio, entrega-se a um desânimo profundo pela culpa que a consome: “Cometi um erro e devo expiá-lo” (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 135). Assim, deixa de se alimentar, expondo-se ao vento e à chuva, sempre lamentando seu infortúnio, desejando a morte.

Um escravo veio chamar Estácio à pressa; ele subiu trôpego as escadas, atravessou as salas, entrou desvairado no quarto, e foi cair de joelhos, quase de bruços, junto ao leito de Helena. Os olhos desta, já volvidos para a eternidade, deitaram um derradeiro olhar para a terra, e foi Estácio que o recebeu, — olhar de amor, de saudade e de promessa. A mão pálida e transparente da moribunda procurou a cabeça do mancebo; ele inclinou-a sobre a beira do leito, escondendo as lágrimas e não se atrevendo a encarar o final instante. Adeus! — suspirou a alma de Helena, rompendo o invólucro gentil. Era defunta. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 143).

O excerto revela a morte gloriosa da heroína, descrita com lirismo e dramaticidade. O amor entre Estácio e Helena tornou-se impossível: a mentira, mesmo que necessária, representaria mácula grave na construção de um romance romântico, cuja heroína deve ser idealizada. Assim, a morte redime Helena, tornando-a pura novamente aos olhos do amado e da sociedade. Há, ainda, a hipótese da continuidade desse amor após a morte sugerida pelas palavras “eternidade” e “promessa”.

Junto com a perspectiva do mistério e do insondável, o romantismo trabalhou determinantemente com a valorização do Eu e da morte. No afã de se afastar do mundo incompleto e desajustado, o romântico opta pela morte, como algo glorioso, gesto definitivo e radical a revelar uma profunda indisposição com a sociedade. A morte tornou-se um tema comum a quase todo romantismo, revestindo-se de maior ou menor dose de lirismo. (CITELLI, 2007, p. 77).

A morte de Helena atende, ainda, a um dos objetivos caros aos autores românticos que é o aspecto moralizante em que, através das atitudes elevadas dos heróis, exaltam-se condutas e compõem-se modelos.

Características realistas do romance

1) Descrição objetiva da personagem.

Camargo era pouco simpático à primeira vista. Tinha as feições duras e frias, os olhos perscrutadores e sagazes, de uma sagacidade incômoda para quem encarava com eles, o que o não fazia atraente. Falava pouco e seco. Seus sentimentos não vinham à flor do rosto. Tinha todos os visíveis sinais de um grande egoísta; contudo, posto que a morte do conselheiro não lhe arrancasse uma lágrima ou uma palavra de tristeza, é certo que a sentiu deveras. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 13).

Fica explícita a postura robusta e séria de Camargo. Vê-se que o autor utiliza-se, muitas vezes, de frases breves e econômicas em que os substantivos vêm acompanhados de dois adjetivos que, apesar de se referirem aos traços fisionômicos de Camargo, definem também sua personalidade: “feições duras e frias”, “olhos perscrutadores e sagazes”. Adiante, o verbo “falava” surge acompanhado de dois advérbios “pouco e seco”, dando feição paralelística ao excerto.

O modo econômico e direto de descrever tem a ver com a personalidade egoísta, dura e racional de Camargo, homem de poucas palavras, interesseiro, que, apesar de sentir a perda do velho amigo, não o demonstra, já que “Seus sentimentos não vinham à flor do rosto”. Além disso, silenciosamente, trama o casamento da filha com Estácio, o herdeiro rico.

São personagens não tão lineares nem tão esquemáticas quanto àquelas que estão presentes no Romantismo em geral: fazem maquinações, são imprevisíveis, não tão transparentes, são interesseiras (...) Há a elegância e certa contenção ao escrever, rápidas pinceladas na composição da personagem, muita discrição: eis o jeito machadiano de criar. Nota-se esse jeito de narrar objetivo, em frases bastante incisivas. (CAMPEDELLI, 1999, p. 27).

2) Atitudes racionais das personagens

Apesar de Helena ser uma heroína romântica, às vezes foge à idealização, sobretudo quando faz análise crítica de seu futuro. Apesar de amar Estácio, sabe que a revelação de que não é sua irmã lhe custará a pecha de embusteira.

— Não, mas é uma loteria; perco um bem certo por outro duvidoso. O jogador não faz cálculo diferente. Essa felicidade pode não vir; eu contento-me com a que me cabe agora. Mendonça ama-me deveras; senti-o desde algum tempo. O Padre Melchior abriu-

me os olhos; aceito o destino que os dois me oferecem. Esta é a razão e a realidade; o mais é ilusão e fantasia. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 93).

Fica bastante evidente o racionalismo da personagem Helena ao refletir sobre a escolha de um marido. Nota-se que ela sacrificaria o amor que sente por Estácio para aceitar alguém que a ama, apesar desse sentimento não ser recíproco. Ela opta por Mendonça, porque convém, já que não pode revelar a mentira da qual é vítima e, ao mesmo tempo, cúmplice. Helena compara a vida a uma “loteria”, e ela é o “jogador” cujo objetivo final é uma “meia felicidade”, porque não ama Mendonça, mas ele pode lhe garantir segurança futura, um lar burguês, uma vida em que nada lhe falte. Opta pela “razão e realidade”, deixando de lado “ilusão e fantasia”, sensações tão apreciadas pelos românticos. Assim, pretende decidir racionalmente seu futuro, abdicando ao amor.

Na literatura realista, o artista procura analisar a realidade que o cerca tendo a razão como seu principal instrumento. (...) O interesse pelo funcionamento e pela organização da sociedade leva escritores realistas a abordarem as necessidades materiais humanas e discutir as condições econômicas necessárias para satisfazer tais necessidades. Esse interesse pela realidade concreta, material, afasta o romance realista da perspectiva idealizada que caracterizou o Romantismo. (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 384).

3) Incidentes do enredo decorrentes do caráter das personagens: os motivos psicológicos dominam as ações

D. Úrsula, a tia de Estácio, ao saber da disposição do testamento do conselheiro de que o sobrinho e ela deveriam acolher Helena na casa, mostra-se avessa a essa abertura, apesar de Estácio concordar com a ideia desde o início.

O reconhecimento de Helena era um ato de usurpação e um péssimo exemplo. A nova filha era, no seu entender, uma intrusa, sem nenhum direito ao amor dos parentes; quando muito, concordaria em que se lhe devia dar o quinhão da herança e deixá-la à porta. Recebê-la, porém, no seio da família e de seus castos afetos, legitimá-la aos olhos da sociedade, como ela estava aos da lei, não o entendia D.Úrsula, nem lhe parecia que alguém pudesse entendê-lo. A aspereza desses sentimentos tornou-se ainda maior quando lhe ocorreu a origem possível de Helena. Nada constava da mãe, além do nome; mas essa mulher quem era? Em que atalho sombrio da vida a encontrara o conselheiro? (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 15).

O narrador se utiliza de palavras de cunho negativo para mostrar a contrariedade de D. Úrsula para com a nova situação: “ato de usurpação”, “péssimo exemplo”, “uma intrusa”. Vê-se, ainda, que o parágrafo termina em discurso indireto livre para melhor

refletir o interior da personagem, o caráter, a psicologia e a moral elitista da velha senhora, que se interroga sobre a origem, o berço da amante do conselheiro que teria gerado Helena.

Condição para compreender a sociedade era observar como se comportavam as pessoas e se havia alguma relação entre esse comportamento e problemas sociais. Vem daí o interesse pela análise das motivações psicológicas que poderiam explicar certos comportamentos. Além disso, as personagens passam a ser construídas de modo coerente com o contexto social e econômico em que se inserem. (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 386).

Conforme se viu, D. Úrsula repele Helena de início; semanas depois, mostra-se indiferente com relação à moça. Adiante, porém, quando fica muito doente, a moça torna-se sua dedicada enfermeira: “Pela primeira vez patenteou-se em todo o esplendor a dedicação filial da moça. Horas do dia, e não poucas noites inteiras, passava-as na alcova de D. Úrsula, atenta a todos os cuidados.” (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 50)

A partir desse fato, a tia passa a ver Helena “como um verdadeiro anjo, foi mulher, mãe e filha. Obrigada, Helena!” (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 52). Nota-se como os comportamentos mudam conforme as motivações e os interesses.

4) Desenlace irônico: postura cínica

Prestes a sair o enterro, Estácio contempla pela última vez o rosto de sua amada, aproxima-se e dá o primeiro beijo de amor.

“Fecharam o féretro; ao moço pareceu que o encerravam a ele próprio. Saindo o enterro, deixou-se Estácio cair numa cadeira, sem pensar nada, sem sentir nada. Pouco a pouco, despovoou-se a casa; os amigos saíram; um só de tantos ainda ali ficou, a lastimar consigo a noiva, tão cedo prometida e tão cedo roubada.” (MACHADO DE ASSIS, 1996, pp. 143-144).

A trama finaliza mostrando o desfecho infeliz de Helena, que não pôde ficar com seu amado. É nítido o sofrimento de Estácio (“ao moço pareceu que o encerravam a ele próprio”). Porém, mal termina o funeral, o autor, nas últimas linhas da narrativa, sugere o caráter passageiro dos fatos e o aspecto prático da vida: Estácio se casará com

Eugênia, transformando o que seria o amor eterno do Romantismo numa ironia, conforme a vontade interesseira de Dr. Camargo.

- Perdi tudo, padre-mestre! gemeu Estácio.

Ao mesmo tempo, na casa do Rio Comprido, a noiva de Estácio, consternada com a morte de Helena, e aturdida com a lúgubre cerimônia, recolhia-se tristemente ao quarto de dormir, e recebia à porta o terceiro beijo do pai. (MACHADO DE ASSIS, 1996, p. 144).

Esse terceiro beijo do pai na filha simboliza a vitória da vontade mesquinha de Camargo, homem, conforme já se disse, frio e calculista, que, durante o desenrolar da ação, beija a filha apenas três vezes: quando o conselheiro morre, vislumbrando o casamento da filha com Estácio; quando chantageia Helena, obrigando-a a estimular o irmão a pedir a mão de Eugênia e, no final, com Helena morta, consumir-se-á o casamento.

O Realismo explorou intensamente a ironia. A típica ironia realista consiste em dizer, de modo brando, verdades desagradáveis. Decorre daí o uso de frases que dizem uma coisa através de outra. São geralmente agudas e penetrantes. A ironia é, enfim, uma espécie de riso dividido entre o desencanto e o cinismo. (TEIXEIRA, 1991, p. 68).

Conclusão

Conforme já se enfatizou, o romantismo machadiano apresenta-se de modo diferente. Apesar de estilizar personagens em que há o predomínio da idealização romântica, surge a preocupação com a ascensão social, com a estabilidade que a vida burguesa pode proporcionar. Assim, o leitor presencia o sentimento amoroso abrandado pelo filtro do interesse e da racionalidade.

Além disso, constata-se a mensagem subliminar de que o mundo pertence aos mais fortes (“ao vencedor as batatas”), interesseiros ou inescrupulosos, já prenunciando como serão as personagens e o percurso narrativo irônico de seus romances da fase realista. Na ficção machadiana, a ideia do predomínio do mal sobre o bem se associa à astúcia do demônio diante da bondade de Deus.

Referências bibliográficas

ABAURRE M. L. e PONTARA M. **Literatura Brasileira: Tempos, Leitores e Leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAMPEDELLI, Samira. **Literatura: história e texto 2**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 4 ed..São Paulo: Ática, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: Era Realista**. 4 ed. São Paulo: Global, 1959).

MACHADO DE ASSIS. **Helena**. 20 ed..São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Arte Literária Brasileira**. São Paulo: Moderna, 2000.

TEIXEIRA, Ivan et alli. **Literatura para a Fuvest**. São Paulo: Ática, 1991.